

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



ENTREVISTA COM ELOISA PILATI*

HABILIDADES METACOGNITIVAS POTENCIALIZADAS PELA APRENDIZAGEM ATIVA: GÊNESE, OLHAR DOCENTE, EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Entrevista concedida a Fernando Augusto de Lima Oliveira e a Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos**

PALAVRAS INICIAIS

Nos últimos anos, os projetos desenvolvidos por Eloisa Pilati fomentam reflexões profundas quanto ao fazer pedagógico. Muitos docentes, motivados pela proposta da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (2017), têm repensado a forma de ensinar língua portuguesa em sala de aula, na constante busca por uma metodologia que promova a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas (PILATI, 2017). Nesse contexto, muitos jogos manipuláveis/concretos saem de um

* **Sobre a entrevistada:** **Eloisa Nascimento Silva Pilati** é professora da Universidade de Brasília (UnB), Mestra e Doutora em Linguística pela UnB. Realizou Estágio Pós-Doutoral no Massachusetts Institute of Technology – MIT. É líder dos grupos de pesquisa “O Centro-Oeste na história do Português Brasileiro (CNPq)” e “Novas perspectivas para a língua portuguesa em sala de aula (CNPq)”. Desenvolve pesquisas em duas áreas principais: linguística teórica e educação. No campo teórico, tem investigado modelos sintáticos relacionados a ordem de palavras, ordem verbo-sujeito, sujeitos nulos e fenômenos de concordância nas línguas naturais. Na área educacional, investiga temas relacionados a processos de aprendizagem, com ênfase em métodos de ensino inovadores nas ciências cognitivas e nas neurociências. É autora dos livros “Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa” (2017) e “Experimentando Linguística na Escola: Conhecimento Gramatical, Leitura e Escrita” (2020), este último em parceria com os professores Tom Roper (UMass) e Marcus Maia (UFRJ). Ademais, é a idealizadora do App pedagógico Gramatikê (em parceria com o professor Wilson Henrique Veneziano e programadores/as da UnB) e do Canal do Youtube e do Instagram denominados @gramaticoteca.

** **Sobre os entrevistadores:** **Fernando Oliveira** e **Silvia Coneglian** organizam este número que aborda a temática “Ludicidades e práticas pedagógicas ativas”. Fernando Oliveira é professor Associado e Livre-Docente do Curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco - Garanhuns. Silvia Coneglian é professora Associada do Curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mails: fernando.oliveira@upe.br e silviaconegli@gmail.com.

processo de idealização docente e passam a integrar as salas desses profissionais, ação que, a cada dia, tem se tornado constante, principalmente no “chão da escola”. Eloisa Pilati – mulher, mãe e pesquisadora – é o pilar de uma educação linguística pautada na prática docente, no fazer pedagógico. Os trabalhos desenvolvidos por ela dão voz, dão norte, inspiram e geram ação. Nesta entrevista narrativa, na qual temos muita satisfação em tê-la realizado, temos a oportunidade de adentrar no universo da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa: gênese, olhar docente, experiências e perspectivas. Dessa forma, convidamos a todos/as para uma imersão nesta conversa tão pessoal, mas, ao mesmo tempo, acadêmica.

O DIÁLOGO COM ELOISA PILATI

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Para iniciarmos, gostaríamos de saber quem é a Eloisa professora, que, nos últimos anos, tem se preocupado em possibilitar uma aprendizagem ativa no contexto escolar? Qual(is) foi(ram), inicialmente, a “mola propulsora” para um olhar mais voltado para o ensino? Como esse olhar tem transformado a sua prática docente na UnB?

Eloisa Pilati: Sou uma professora, linguista e pesquisadora da Universidade de Brasília, que, com seu trabalho, busca contribuir para uma educação humanizada e emancipadora para garantir dignidade, democracia e justiça social a brasileiras e brasileiros. Uma educação pensada com base nesses princípios passa necessariamente pela educação em língua materna e é extremamente necessária para nosso país.

Acho que a minha experiência na educação básica foi fundamental para desenvolver um olhar voltado para o ensino. Desde que me formei na Universidade de Brasília, em 1998, fui ministrar aulas na educação básica e percebi que havia muitas lacunas no ensino de Língua Portuguesa em geral, e, principalmente, no ensino de gramática. Nessa época, apesar de adorar dar aulas de gramática, percebia no meu dia a dia que o modelo tradicional de ensinar tinha vários limites e que era necessário criar alternativas para as aulas de Língua portuguesa.

Nunca me esqueço de um dia em que estava preparando um material para dar aulas de concordância verbal e me peguei criando uma lista de mais de vinte regras sobre o tema... Nem eu, a professora, conseguia memorizar todas regras e exceções que eu tinha de ensinar. Aquele tipo de ensino não fazia sentido para mim, não era a educação libertadora com a qual eu sonhava. Além disso, pensava em meus estudantes que teriam de decorar aquelas regras para fazer provas, porque assim era a metodologia tradicional... Eu entendia a necessidade de ensinar a norma padrão do português brasileiro, mas percebia que o caminho não podia ser aquele: listas de regras e memorização sem efetiva compreensão, desvinculadas da realidade e das necessidades dos estudantes.

Outro problema que eu percebia era a condição do ensino de gramática: bastante distante de atividades de leitura e escrita. Estudávamos, por exemplo, os tipos de adjunto adverbial, sabíamos classificá-los, mas a aula acabava ali. As oportunidades de avaliar os efeitos de sentido tanto na leitura quanto na escrita não eram tema das aulas de gramática, principalmente em textos de gêneros mais complexos.

Nessa época, eu me sentia extremamente incomodada e frustrada com o que estava fazendo. Eu havia detectado o problema, mas não sabia a solução para ele. Resolvi, então, em 2000, retornar à UnB para investigar mais a fundo possibilidades e alternativas para o ensino de língua materna.

Enquanto estudava os textos do exame de seleção, descobri que havia um teórico americano, chamado Noam Chomsky, que defendia a hipótese de que os seres humanos eram dotados de uma “Faculdade da Linguagem” - um dote biológico que permite a todos desenvolverem conhecimentos de suas línguas, de forma natural, sem necessidade de instrução formal, desde a mais tenra idade. Fiquei apaixonada pela ideia e decidi que queria estudar algo nessa linha, pois, para mim, fazia sentido partir dos conhecimentos linguísticos dos estudantes, principalmente no caso de ensino de língua materna. Decidi que era isso que eu queria estudar, sem saber muito bem o que me aguardava.

Minha trajetória nos estudos na pós-graduação começou em 2000. 23 anos depois do início dessa jornada, acredito que minha visão de gramática e de ensino de línguas tenha sido completamente transformada. Graças aos inúmeros avanços das pesquisas na área, hoje entendemos com muito mais clareza as diferenças entre conhecimentos inatos, adquiridos e desenvolvidos; diferenças e semelhanças entre a língua falada, de um lado, e da leitura e da escrita, de outro; e o lugar da gramática no desenvolvimento de habilidades linguísticas. Sabemos mais sobre “como as pessoas aprendem” e a cada dia mais as pesquisas científicas dialogam com a educação e com a sala de aula. Apesar desses avanços visíveis, ainda temos muito trabalho pela frente, pois tais conhecimentos ainda não chegam à formação de professores de forma tão direta.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Sua formação acadêmica (mestrado e doutorado) está voltada para a investigação de “modelos sintáticos relacionados à ordem de palavras, ordem verbo-sujeito, sujeitos nulos e fenômenos de concordância nas línguas naturais” (cf. Lattes). Gostaria de saber como esse conhecimento mediado pela Teoria Gerativa impulsionou o seu olhar para o ensino?

Eloisa Pilati: Na época em que entrei para o mestrado na Universidade de Brasília, ainda não havia uma linha de pesquisa voltada especificamente para as possíveis contribuições da Teoria Gerativa para o ensino. Havia, e ainda há, a linha de pesquisa: Gramática: teoria e análise, liderada pelas professoras Lucia Lobato e Heloisa Lima-Salles. As duas brilhantes professoras desenvolviam pesquisas sob o escopo da Teoria Gerativa e foram minhas grandes mestras.

Durante o mestrado e o doutorado, fui orientada pela Professora Lucia Lobato, que infelizmente faleceu em 2005. Meu tema era a ordem verbo-sujeito no português do Brasil. Havia um intenso debate a respeito do tema envolvendo pesquisadores funcionalistas e gerativistas. A Profa. Lucia concluiu que, dada a controvérsia, havia questões para serem ainda investigadas. E lá fui eu estudar a ordem verbo-sujeito por muitos anos.

O estudo desse tema me possibilitou refletir sobre diversos aspectos da sintaxe da língua portuguesa, buscando compreender tanto a visão variacionista quanto a visão formalista do fenômeno. Foram seis anos investigando a influência do tipo de verbo na construção da oração, a questão da ordem de palavras, concordância verbal, composicionalidade e efeitos de sentido, além da comparação entre o português brasileiro com a variedade portuguesa e a ocorrência do fenômeno em outras línguas, como Chinês, Italiano, Inglês, Chichewa...

Analisar esse fenômeno do ponto de vista da Teoria Gerativa foi fundamental para chegarmos às propostas que temos hoje para o ensino. Porque, pela ótica da Teoria Gerativa, as línguas naturais são encaradas como um “[...] sistema gerativo finito que determina um conjunto ilimitado de expressões de pensamento hierarquicamente estruturadas” (cf. CHOMSKY, 2020, p. 6). Compreender as línguas sob esta ótica ajuda a sistematizar e aperfeiçoar nossa visão sobre a organização das gramáticas das línguas naturais, porque é isso que uma visão formalista de fenômenos investiga: os diversos fenômenos que ocorrem na realidade externa e as formas de apreender os princípios mais amplos e gerais que dão origem a eles.

Voltando, por exemplo, ao caso da concordância verbal, que me angustiava em 1998, o arcabouço teórico da teoria gerativa nos ajuda a perceber que, na realidade, não existem 20 ou 30 regras para o fenômeno da concordância verbal. Há apenas um princípio, que é o de que a concordância verbal no português é um fenômeno morfossintático de covariância de traços que ocorre entre o verbo e o sujeito da oração (PILATI, 2022). Por exemplo, em “A maioria das cientistas brasileiras fazem/faz a diferença”, há duas formas de concordância, porque essa configuração do sintagma permite duas leituras: a interpretação do grupo de cientistas que faz a diferença ou a interpretação de que a pluralidade das cientistas faz a diferença. Na minha publicação mais recente, *Concordância verbal sob a ótica da Aprendizagem Linguística Ativa: reflexões sobre uma estratégia de compreensão do fenômeno por meio da identificação de Princípios* (PILATI, 2022), busco mostrar como esse princípio se revela nas diferentes “regras” de concordância listadas nas gramáticas tradicionais.

O que pretendo ilustrar com esse exemplo é que, graças aos avanços dos estudos linguísticos e a essa visão formalista das línguas naturais, hoje é possível enxergar a gramática e as regras gramaticais de forma completamente diferente da perspectiva tradicional.

A gramática não precisa, nem pode, mais ser encarada “como um conjunto de regras aleatórias e sem sentido” que precisamos decorar porque está muito distante de nós.

Com as contribuições dos estudos da sociolinguística variacionista entendemos mais sobre a variação linguística e hoje sabemos que não precisamos falar exatamente igual aos portugueses. A norma padrão no Brasil tem suas próprias características e está tudo bem, pois todas as línguas apresentam sempre variação.

Graças aos estudos gerativistas podemos analisar línguas como mecanismos que se organizam conforme princípios mais básicos. Não precisamos decorar as infinitas regras, é possível compreender fenômenos mais amplos e mais profundos e que dão conta da maioria dos casos. Citei acima o exemplo da concordância, mas temos usado esse conhecimento para explicar vários outros fenômenos, tais como a formação da oração, uso da vírgula e do sinal grave etc. Outra contribuição dos estudos gerativistas é a valorização do conhecimento prévio do falante. Como a professora Lucia Lobato já defendia, as crianças, quando ingressam no ensino fundamental, já sabem falar as suas línguas, ou seja, já dominam a gramática de uma certa forma. O que a escola tem de fazer é desenvolver certos aspectos desse conhecimento.

Por fim, nessa trajetória, aprendi que linguística é fundamental para uma renovação no ensino de gramática, mas não é suficiente. O processo de aprendizagem é bastante complexo, envolve aspectos pedagógicos, biológicos, psicológicos e sociais. Transpor achados científicos para a sala de aula não é trivial, como muitos pensam. As ciências cognitivas e as neurociências têm mostrado que há formas mais adequadas para ensinar e para aprender e muitas propostas de ensino não levam esses achados em consideração. Precisamos discutir mais sobre esses temas, conversar com a pedagogia e com as ciências da aprendizagem, ampliar as pesquisas sobre métodos. Todos esses diálogos e interfaces são cruciais para a formação de professores e para que ocorra a transformação de que precisamos no ensino de línguas em nosso país.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: A partir da sua experiência vivenciada no contato com professores da educação básica, gostaria de saber para qual conteúdo os docentes de língua portuguesa têm buscado mais suporte? Qual(is) conselho(s) e/ou direcionamento(s) você tem dado a esses profissionais?

Eloisa Pilati: Acho que as/os docentes estão muito interessadas/os nas novas formas de se ensinar gramática, vinculando-a aos processos de ampliação da consciência linguística, leitura e escrita. Também há muito interesse em novas metodologias de ensino, mais lúdicas e mais participativas.

Felizmente temos várias universidades desenvolvendo pesquisas interessantíssimas sobre esses temas. Os trabalhos do programa PROFLETRAS são bons exemplos disso. Minha recomendação é que, dentro do possível, busquem os conhecimentos desenvolvidos nesses centros.

Outro aspecto que sempre destaco é que é importante refletir seriamente sobre os conceitos de língua presentes nos documentos oficiais brasileiros, como os PCNs e a atual BNCC. Como tenho defendido em várias publicações, nesses documentos, o conceito de língua apresentado é limitado a aspectos sociais e culturais. A opção por não discutir a dimensão biológica e mental prejudica o ensino de língua portuguesa por impedir que o próprio objeto de estudo seja compreendido em suas múltiplas dimensões. Essa visão parcial também nos leva a negligenciar métodos e técnicas específicas para o desenvolvimento de competências linguísticas vinculadas à leitura e à escrita. Diferentemente da aquisição da língua falada, que se dá de forma natural, graças à Faculdade da Linguagem (salvo alguma patologia), a escrita e a leitura são processos que demoram anos para serem desenvolvidos plenamente e requerem o uso de métodos específicos. Os professores que desconhecem essas especificidades perdem ótimas oportunidades de compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem e de usar recursos mais eficazes. Obviamente, os professores não têm a menor responsabilidade por isso, pois tiveram informações relevantes negligenciadas tanto na sua formação quanto nos documentos oficiais.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Em 2020, em parceria com os professores Tom Roeper (UMass) e Marcus Maia (UFRJ), você publicou o livro *Experimentando Linguística na Escola: Conhecimento Gramatical, Leitura e Escrita*. O que um leitor, que busca uma obra-referência para mediar suas práticas de ensino ou até mesmo fundamentar uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, pode encontrar nesse livro? De forma mais específica, como o conhecimento gramatical é abordado?

Eloisa Pilati: Em *Experimentando linguística na Escola*, eu e os professores Marcus Maia e Tom Roeper, com base em um curso que ministramos no Instituto de Linguística dos 50 anos da Abralín, em 2019, nos propusemos a buscar caminhos para articular conhecimentos de ponta nas ciências cognitivas - linguística gerativa, psicolinguística e neurociências - a situações de sala de aula. O capítulo do professor Tom Roeper aborda um conjunto de propostas para se refletir sobre questões da estrutura das orações na sala de aula. O professor Marcus Maia sintetiza contribuições sobre a ciência da leitura e o ensino. Eu me dediquei a desenvolver uma ponte entre a proposta da Aprendizagem Linguística Ativa e a escrita.

Diversos estudos sobre o ensino da escrita têm apontado as práticas mais eficazes para o desenvolvimento de habilidades na escrita. Entre elas, destacam-se aquelas que privilegiam a instrução explícita sobre processos de escrita (planejar, escrever, revisar), atividades de prática efetiva de escrita (elaborar resumos, escrever em parceria com um colega, usar ferramentas tecnológicas para a produção de texto) e atividades de análise e prática deliberada de recursos gramaticais típicos da escrita (estudo, análise e imitação de modelos, combinação de sentenças e escrita com objetivos específicos). Partindo dos resultados desses estudos, me dediquei a desenvolver uma série de propostas e atividades para que os materiais desenvolvidos pela Aprendizagem Linguística Ativa, concretizados na Gramaticoteca, pudessem contribuir para o desenvolvimento da escrita.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Em 2022, você deu vida ao APP Educacional Gramatikê. Gostaria que falasse um pouco sobre como ele foi concebido. Ademais, como esse suporte pedagógico online pode auxiliar os professores de língua portuguesa em sala de aula?

Eloisa Pilati: O Gramatikê fez parte de um desafio de desenvolver um recurso *on-line*, no caso, um aplicativo, capaz de transpor a forma de pensar a gramática proposta na Aprendizagem Linguística Ativa para o ambiente digital. Ou seja, buscamos transpor essa compreensão de como as línguas naturais funcionam como sistemas, gerativos, guiados por princípios mais gerais para sustentar atividades de ensino/aprendizagem organizadas em ambiente virtual. Isso porque, com base em estudos recentes, sabemos que a explicitação promove a compreensão do funcionamento da língua e dá aos usuários, por meio da consciência linguística, a possibilidade de uso e manipulação das estruturas linguísticas em benefício de sua expressividade, criatividade e autonomia.

Há tempos realizamos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão com objetos concretos na Gramaticoteca. No Gramatikê, buscamos fazer uma transposição dos princípios que regem a elaboração dos materiais da Gramaticoteca para o ambiente *on-line*. O Professor Wilson Veneziano, do Curso de Computação da Universidade de Brasília, topou esse desafio, ciente da importância do ensino de língua portuguesa para a cidadania e das possibilidades do uso da tecnologia na educação. Também contamos com a participação de seis estudantes da UnB, que nos auxiliaram no desenvolvimento do App. No dossiê *Ludicidade e práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa (língua materna e língua não materna*, desta Revista, apresentamos as primeiras impressões dos professores sobre o uso desse aplicativo.

Nenhum aplicativo substitui nem substituirá os professores. O objetivo do nosso App é ser mais uma alternativa pedagógica para o desenvolvimento de habilidades linguísticas na sala de aula. Para atingir o maior número de estudantes possível e para contribuir com a superação das desigualdades econômicas e educacionais no país, o acesso ao Gramatikê é gratuito e pode ser usado em smartphones e tablets com sistema operacional Android, sem necessidade de conexão com Internet.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Como linguista preocupada com a inserção de metodologias ativas no contexto escolar, considerando o retrocesso educacional em decorrência da Covid-19 e das políticas educacionais implementadas pelo governo anterior, quais são os maiores desafios para o ensino de leitura e de escrita nos anos finais do ensino fundamental? Como a sua proposta (ensino mediado por meio de materiais manipuláveis) pode auxiliar os docentes a repensarem a metodologia de ensino?

Eloisa Pilati: Acredito que o período da pandemia nos mostrou, da pior forma possível, a importância da valorização da escola, do trabalho dos professores e da importância da ciência para nossa sociedade. No caso do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, na sala de aula, as recomendações que eu teria são as mesmas de antes, valorizar a aprendizagem significativa, usar metodologias que privilegiem momentos de instrução explícita do sistema gramatical e de suas relações com os processos de leitura e escrita. Ir do simples para o complexo, ou seja, da sintaxe da oração para a constituição do parágrafo. Ampliar o uso de materiais manipuláveis e lúdicos na sala de aula. Valorizar muito a leitura e a escrita em todos os níveis. Num âmbito mais amplo, é fundamental promover políticas públicas de valorização do piso salarial dos professores da educação básica, a formação continuada e a implantação de escolas de período integral.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Atualmente, você é Diretora de Planejamento de Acompanhamento das Licenciaturas (DAPLI/DEG/UnB), função administrativa que lida com todos os cursos de Licenciatura da UnB. Como esse olhar para o ensino, a partir da criação da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, tem contribuído para a construção de uma gestão mais profícua?

Eloisa Pilati: Depois de lançar meu livro em 2017, tive a oportunidade de viajar muito pelo Brasil dando cursos e palestras sobre a Aprendizagem Linguística Ativa. Esses diversos momentos de interação me mostraram a necessidade da ampliação do diálogo entre a universidade e as redes de ensino, escolas e professores. Em todas as experiências que vivi, encontrei colegas sempre interessados em promover as melhores práticas pedagógicas, e dedicados a transformar a realidade e a proporcionar aos seus estudantes as melhores experiências de ensino possíveis. Todos interessados nas propostas, soluções e tecnologias desenvolvidas nas universidades brasileiras.

Nessas experiências, entendi que há interesse de ambas as partes no diálogo, tanto das universidades quanto das escolas. Na nossa diretoria, procuramos trabalhar para construir essas pontes e criar condições materiais para que essas oportunidades de troca aconteçam. Um bom exemplo dessas ações é o Programa UnB+Escola, apoiado pela gestão superior da UnB. Por meio desse programa, criamos um Edital exclusivo para a atuação dos professores junto às escolas, um Canal no YouTube para registrar formações e palestras, temos um informativo mensal, o *Boletim das Licenciaturas*, que busca divulgar as inúmeras ações das licenciaturas na UnB. Ao mesmo tempo, privilegiamos o diálogo com a Secretaria de Educação de forma institucionalizada, buscando aproximações mais duradouras e consistentes. Os professores das licenciaturas da UnB têm abraçado essa causa coletiva e atuado de forma muito engajada nessas parcerias e a Secretaria de Educação do DF tem ampliado as possibilidades de participação dos nossos estudantes e professores. A Universidade aprende muito com a Educação Básica, nossas questões de pesquisa estão lá, e há muitas soluções e inovações desenvolvidas pelos docentes da educação básica que vale conhecer, e as escolas podem se beneficiar muito do diálogo com as universidades, pois a formação continuada é muito importante também.

Fernando Oliveira e Silvia Coneglian: Nos últimos anos, muita coisa foi desenvolvida: a publicação do livro *Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa* (2017); os canais do youtube e do Instagram, conhecidos como *Gramaticoteca* (que contam com um quantitativo considerável de participações e interações); a publicação (em parceria) da obra *Experimentando Linguística na Escola: Conhecimento Gramatical, Leitura e Escrita* (2020); muitas palestras, cursos (online e presencial), formações pedagógicas; o desenvolvimento do *APP Gramatikê*, dentre outras atividades. Pensando nisso e além, o que podemos esperar para o biênio 2023-2025?

Em 2023, pretendo lançar uma segunda obra, aprofundando as propostas de 2017 e buscando sistematizar os avanços que fizemos nesse período de seis anos. Além disso, pretendo continuar com as formações de professores, dar continuidade às pesquisas sobre

métodos de ensino e aprofundar os estudos sobre os usos e possibilidades de uso dos materiais manipuláveis e do Gramatikê, no âmbito do nosso Grupo de Pesquisa “Novas perspectivas para a Língua Portuguesa na sala de aula” (CNPq).

Outra meta é me aprofundar nos estudos experimentais. Em parceria com a professora Maria do Carmo Lourenço Gomes, da Universidade do Minho, nosso grupo tem desenvolvido um Protocolo Experimental para a Visibilidade da Aprendizagem, o PREVIA. Esse protocolo articula metodologias de pesquisa em psicolinguística a metodologias de pesquisa em educação, com o objetivo de verificar a influência das estratégias metodológicas no processo de aprendizagem e na tomada de decisões do aluno (Pilati, Lourenço-Gomes e Castro, 2022). A meta do nosso grupo é tornar esses recursos cada vez mais acessíveis aos professores para que eles próprios avaliem os impactos de sua atuação no processo de ensino e de aprendizagem e reflitam sobre suas práticas e sobre a aprendizagem de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. Operações fundamentais da linguagem: reflexões sobre o design ótimo. *Cadernos de Linguística*, Abralín. v. i, n. 1, 2020,

LOBATO, L. *Linguística e ensino de línguas*. Brasília: Editora UnB, 2015 [2003].

PILATI, E. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017..

PILATI, E.; LOURENÇO-GOMES, M. do C.; CASTRO, A. C. Educação em língua materna, teoria gerativa e psicolinguística. *In: MAIA, Ms. Psicolinguística, diversidades, interfaces e aplicações*. São Paulo: Contexto, 2022.

PILATI, E.. Concordância verbal sob a ótica da Aprendizagem Linguística Ativa: reflexões sobre uma estratégia de compreensão do fenômeno por meio da identificação de Princípios. *In: PILATI, E. (org.). Pesquisas e possibilidades dos estudos linguísticos no Centro-Oeste do Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. (Coleção Gramática em Foco).

ROEPER, T.; MAIA, M.; PILATI, E *Experimentando linguística na escola*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.



Recebida em 23/01/2023. Aceita em 27/02/2023.